

“Será importante um sinal crível de recuperação”

Teresa Ter-Minassian

Ex-diretora do FMI



Conjuntura Econômica — No primeiro seminário promovido pela FGV com o FMI, em 2013, a senhora já alertava sobre os problemas de confiabilidade dos indicadores brasileiros de desempenho fiscal. Era possível imaginar que chegaríamos a uma crise na proporção atual?

Já tínhamos clareza de que o primeiro governo da presidente Dilma Rousseff estava envolvido num extenso uso de economia criativa – com acúmulo de restos a pagar, retirada de dividendos de empresas públicas em dificuldades financeiras, antecipação de receita –, bem como do uso em larga escala de operações quase fiscais através de bancos públicos. Isso foi extensivamente explorado pela academia e pela mídia brasileira, indicando que a situação fiscal era substancialmente mais débil do que as estatísticas oficiais apontavam. Mas, naquele momento, seria difícil prever o tamanho dos rombos fiscais de 2014-2016, já que eles refletem, além da contabilidade criativa e a realização de alguns riscos fiscais das operações quase fiscais que mencionei, vários outros fatores, em particular o declínio muito mais acentuado do PIB

do que poderia ter sido previsto há três anos; bem como os impactos de taxas de juros mais altas que as esperadas e da desvalorização do real na dívida pública bruta.

As estimativas do FMI indicam que o cenário internacional não acomoda muito espaço de reação para a economia brasileira a partir do setor externo. O que, na sua opinião, poderá ajudar o país no curto prazo para reativar a atividade e conter o déficit?

Tenho dito em várias ocasiões, incluindo o encerramento do seminário de política fiscal no Rio, que um aumento sustentável tanto da economia quanto da *performance* fiscal do Brasil requer, em primeiro lugar, a solução das atuais incertezas no campo político e a emergência de um governo com ampla base de apoio no Congresso, para ser capaz de aprovar difíceis ajustes e reformas, caminhar na direção de restabelecer a confiança empresarial e promover uma recuperação do investimento, e de se chegar a um programa de reformas estruturais no âmbito fiscal que inspire credibilidade. Essas reformas não podem ser feitas de uma só vez,

mas, se iniciadas, os agentes econômicos poderão identificar tanto um esforço sincero e significativo quanto uma rota clara para seus projetos nos próximos anos.

No fim do seminário, a senhora afirmou estar otimista com a reversão da crise fiscal brasileira, pois identifica vários segmentos da sociedade conscientes do diagnóstico. Considera que essa qualidade é suficiente para se enfrentar uma agenda de reformas que é impopular?

Acho que a emergência na sociedade da conscientização sobre a extensão das atuais dificuldades pelas quais o país passa, bem como da necessidade de reformas substanciais para enderecá-las, é essencial, mas não suficiente para superar esses problemas. Será importante que o governo que esteja a cargo do país nas próximas semanas e meses delibere rapidamente um grupo de medidas que tanto possa garantir algumas vitórias rápidas, em termos de conter a deterioração econômica, quanto dê um sinal crível de esperança de uma gradual recuperação no médio prazo. ■